

# FOTOJORNALISMO: DESAFIOS E ROTINAS DOS PROFISSIONAIS NO INTERIOR DO BRASIL

PHOTOJOURNALISM: CHALLENGES AND ROUTINES OF PROFESSIONALS IN THE INTERIOR OF BRAZIL

FOTOPERIODISMO: DESAFÍOS Y RUTINAS DE LOS PROFESIONALES DEL INTERIOR DE BRASIL

## Tháisa Cristina Bueno

■ Professora adjunta no Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em Imperatriz desde 2010. Docente permanente do Mestrado em Comunicação na mesma instituição. Pesquisadora formada em Jornalismo pela UFMS, possui doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2015) e Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2007).

■ *Profesora adjunta del curso de Periodismo de la Universidad Federal de Maranhão (UFMA) en Imperatriz desde 2010. Es profesora titular del Máster en Comunicación de la misma institución. Doctora en Comunicación Social por la Pontificia Universidad Católica de Rio Grande do Sul (2015) y Máster en Letras por la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul (2007).*

■ E-mail: thaisabu@gmail.com

## Rosana Barros

■ Jornalista, Historiadora e Técnica Multimídia da Universidade Federal do Maranhão. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz. Especialista em MBA de Direção de Arte para TV, Cinema e Vídeo (2017).

■ *Periodista, Historiadora y Técnica Multimedia por la Universidad Federal de Maranhão. Máster por el Programa de Posgrado en Comunicación de la Universidad Federal de Maranhão, Campus Imperatriz. Especialista en MBA Dirección de Arte para TV, Cine y Video (2017).*

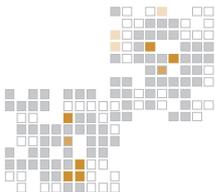
■ E-mail: rosana.barros@ufma.br

## Juliana Teixeira

■ Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (Salvador/Brasil) e em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior (Covilhã/Portugal), por meio do regime de co-tutela entre as duas instituições. Realizou entre 2016 e 2018 estágio pós-doutoral na Universidade Federal do Piauí, onde, atualmente, é professora do Departamento de Comunicação Social.

■ *Es doctora en Comunicación y Cultura Contemporâneas por la Universidad Federal de Bahía (Salvador/Brasil) y en Ciencias de la Comunicación por la Universidad de Beira Interior (Covilhã/Portugal), en régimen de cotutela entre ambas instituciones. Entre 2016 y 2018, realizó una pasantía posdoctoral en la Universidad Federal de Piauí, donde actualmente es profesora del Departamento de Comunicación Social.*

■ E-mail: teixeira.juliana.rj@gmail.com



## RESUMO

Esta pesquisa busca entender o mercado e os desafios do fotojornalismo. Para isso, investigou a perspectiva do profissional que atua no Maranhão, estado do Nordeste brasileiro. O recorte inclui a Capital, São Luís, e a segunda maior cidade, Imperatriz. Ao todo, foram entrevistadas 18 pessoas com diferentes perfis a fim de entender as principais dificuldades enfrentadas na sua rotina e como enxergam a profissão. Os principais resultados não se diferenciam muito do que vem sendo identificado em pesquisas mais amplas, em outras regiões, evidenciando uma precarização do trabalho do jornalista como um todo, mas, em especial, em algumas localidades brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: FOTOJORNALISMO; MARANHÃO; MERCADO; CRISE.

## ABSTRACT

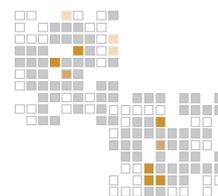
This research seeks to understand the market and the challenges of photojournalism. To do this, we sought to investigate the perspective of professionals who work in Maranhão, a state in the Northeast of Brazil. The scope includes the Capital, São Luís; and the second largest city, Imperatriz. In total, 18 people with different profiles were interviewed in order to understand the main difficulties and how they see the profession. The main results do not differ much from what has been identified in broader research in other regions, highlighting the precariousness of journalists' work as a whole, but especially in some Brazilian locations

KEY WORDS: PHOTOJOURNALISM; MARANHÃO; MARKET; CRISIS.

## RESUMEN

Esta investigación busca comprender el mercado y los desafíos del fotoperiodismo. Para ello, buscamos investigar la perspectiva de los profesionales que actúan en Maranhão, estado del Nordeste de Brasil. El alcance incluye la Capital, São Luís; y la segunda ciudad más grande, Imperatriz. En total, se entrevistó a 18 personas con diferentes perfiles para conocer las principales dificultades y cómo ven la profesión. Los principales resultados no difieren mucho de lo identificado en investigaciones más amplias realizadas en otras regiones, destacando la precariedad del trabajo de los periodistas en su conjunto, pero especialmente en algunas localidades brasileñas.

PALABRAS CLAVE: FOTOPERIODISMO; MARANHAO; MERCADO; CRISIS.



## 1. Introdução

Este artigo buscou investigar como o fotoperfista se vê e atua na contemporaneidade tendo como recorte as duas maiores cidades do estado brasileiro Maranhão (MA): São Luís (capital) e Imperatriz (interior). Localizado na Região Nordeste e incluído entre os mais pobres da federação (IBGE, 2021), o Estado também enfrenta dificuldades na cobertura noticiosa. Dados mostram que a maioria das cidades maranhenses faz parte de um deserto de notícias, chegando a 75% do território do Estado (Profor, 2021). São Luís e Imperatriz são os municípios que possuem maior número de veículos de imprensa e onde encontramos a figura do fotoperfista.

A pesquisa justifica-se por haver pouca informação sobre os fotoperfistas maranhenses nos trabalhos científicos disponíveis. Um levantamento exploratório, de 2015 a 2019, nos principais eventos científicos de Comunicação – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) –, levantou 100 artigos sobre fotoperfismo. Deste universo, apenas dois tratavam da realidade regional maranhense, ambos do pesquisador Diogo Azoubel (2008), e versavam sobre o contexto histórico da profissão. Além disso, o que temos são pesquisas mais gerais, como o estudo “Perfil do Jornalista do Nordeste 2023: características sociodemográficas, políticas de saúde e do trabalho” (com coordenação regional de Geimison Maia e Rafael Costa, da Universidade Federal do Ceará), que não focaliza no trabalho dos fotoperfistas, mas já aponta para a crescente precarização da profissão.

Do ponto de vista metodológico, o artigo adota a abordagem empírica qualitativa, ancorada em entrevistas semiestruturadas (Duarte, 2009)

com diferentes perfis de fotoperfistas das duas cidades.

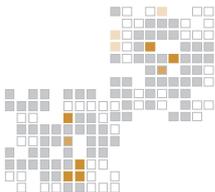
## 2. Breve discussão sobre a reconfiguração no mundo do fotoperfismo

O fotoperfismo é uma especialidade jornalística e está inserido no contexto de crise e remodelação da Área (Pereira e Adghirni, 2011; Souza, 2017, Quesada, 2018; Figaro & Silva, 2020; McNair, 2009; Carraro, 2016). Em 2013, por exemplo, o jornal norte-americano *Chicago Sun-Times* demitiu 28 fotógrafos. O exemplo foi seguido por mais cinco jornais (Castilho, 2013). De acordo com o autor, ao utilizar fotos de bancos de dados de imagens, os jornais economizaram até 50% dos seus custos.

No Maranhão a realidade se repete. Imperatriz, por exemplo, contou com nove veículos impressos entre 1990 e 2010, todos com equipe de fotoperfistas (Reis, 2021). Destes, apenas o jornal “O Progresso” continua em atuação, sem a figura do fotoperfista. Já, São Luís contava com nove veículos impressos em 2012 (Castro e Fagundes, 2012). Atualmente, mantém três impressos: “Jornal Pequeno”, “Atos e Fatos” e “O Imparcial”. Desses, apenas o “Jornal Pequeno” tem dois fotoperfistas na sua equipe.

Fora isso, migrar para as plataformas digitais não garantiu colocação no mercado. Além de redações menores, as novas contratações incluíram profissionais multitarefas (Pereira; Adghirni, 2011). As razões para isso validam as discussões sobre as mudanças no jornalismo como um todo, mas é importante destacar que na internet a qualidade de imagem necessária para *sites* é de menor resolução e, na maioria das vezes, para veículos menores é apenas ilustrativa.

Ainda assim, com a emergência dos *tablets* por volta dos anos 2010, surgiu uma esperança no jornalismo de que as fotografias poderiam receber o protagonismo que mereciam. Tanto que o produto autóctone lançado pelo jornal carioca



“O Globo”, em janeiro de 2012, denominado “O Globo a Mais”, era apresentado na *App Store* como uma revista vespertina com conteúdo multimídia, colunas e matérias exclusivas. A principal aposta estava na profundidade dos conteúdos, com ênfase em grandes reportagens e materiais fotográficos. A tecnologia na qual o novo aplicativo se baseava permitia explorar diversos recursos, como *newsgames*, *quizzes* e vídeos. Além disso, houve uma expansão para versões customizadas para *smartphones*. Contudo, o produto foi descontinuado em maio de 2015, evidenciando a dificuldade do próprio jornalismo em estimular, investir e manter formatos com foco primordial na fotografia, mesmo com os melhores aparatos tecnológicos digitais (Teixeira, 2015).

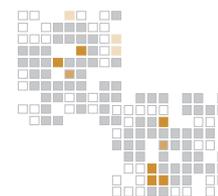
*Conforme aponta Nogueira (2009, p.8), “embora o webjornalismo seja por natureza multimidiático, o que se percebe atualmente é que a composição dos relatos ainda explora frequentemente o eixo textual”. Zanotti (2011, p.164) confirma essa perspectiva ao afirmar que é mais comum a integração entre textos e fotografias (os mais básicos recursos multimidiáticos) do que a inserção de trilhas sonoras ou imagens em movimento. Nesse sentido, os elementos multimídia tornam-se, em acordo com Rusch (2010), meros acessórios, cujo valor informativo é subordinado ao texto escrito e, quando inseridos, muitas vezes não são devidamente coordenados ou relacionados entre si visualmente (Teixeira, 2015, p.90).*

Com a facilidade de acesso às tecnologias da informação e da comunicação, o cidadão passou a articular e intervir no processo de produção de conteúdo, chegando a disputar visibilidade midiática com os veículos de comunicação (Mesquita, 2014). No fotojornalismo, a audiência chega a substituir o fotojornalista nos

acontecimentos, pois, com o celular na mão, rapidamente as imagens podem estar em *blogs*, *fan pages* entre outros veículos (Canella, 2016).

Diante dessa crise multifacetada, Silva Jr. (2004) conjectura que a sobrevivência do fotojornalista é ser um analista de sistemas, que lida com um conjunto diversificado de matrizes tecnológicas atreladas à produção das imagens das notícias. Uma possibilidade que nem sempre está garantida, mesmo quando surgem veículos exclusivamente digitais. No Maranhão, por exemplo, um estudo de Almeida (2022) mapeou 381 perfis noticiosos de rede social atuantes nas dez maiores cidades daquele Estado. Trata-se de veículos que atuam exclusivamente na cobertura noticiosa no *Instagram* no Maranhão e que acabam sendo a única fonte de informação local dessas cidades. Nesses locais, nenhum veículo mantinha fotojornalistas na sua equipe.

Iniciativas com profissionais autônomos são outro caminho apontado como possível para os fotojornalistas. Vieira (2016), destaca que muitos deles buscam nas redes sociais a reputação que já possuíam *offline* e tentam rentabilizar seus trabalhos. Nacionalmente, o autor cita alguns exemplos, como o fotojornalista Evandro Teixeira, que trabalhou no “Jornal do Brasil” durante 47 anos; e Flávio Damm, que atuou por 10 anos na revista “O Cruzeiro”. Por meio das hashtags *#evandroteixeira* e *#flaviiodamm*, é possível ver uma galeria de imagens feitas por esses ícones do fotojornalismo brasileiro. No entanto, ainda é difícil afirmar se as redes sociais serão uma solução para o desemprego dos fotojornalistas, especialmente fora dos grandes centros. O fato é que a ideia de fotojornalismo atrelada à redação formal está bastante distante do mercado regional. Em São Luís, capital do Maranhão, por exemplo, somente dois fotojornalistas ainda trabalham em veículos com redação sistematizada, já em Imperatriz, nenhum.

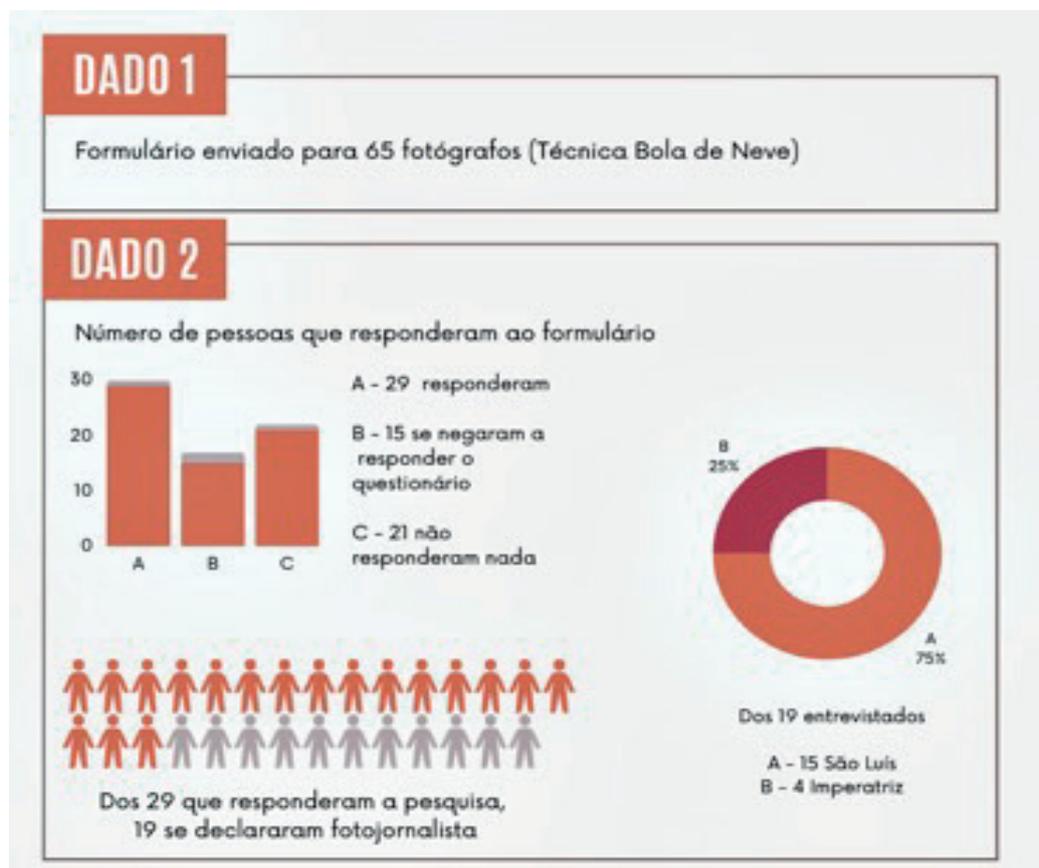


### 3. Percurso metodológico

Este estudo começou com uma etapa exploratória, que incluiu o envio de um formulário disponibilizado via *Google Forms*, contendo 27 perguntas: 17 de múltipla escolha e 10 abertas. O formulário foi enviado a 65 fotógrafos, dos quais 29 responderam. Dentre

esses, 15 indicaram não ser fotojornalistas e 21 não forneceram resposta. Das 29 pessoas que responderam, foram selecionadas para entrevista aquelas que se autodeclararam fotojornalistas, totalizando 19 indivíduos — 15 de São Luís e quatro de Imperatriz (Figura 1).

Figura 1. Delimitação dos entrevistados

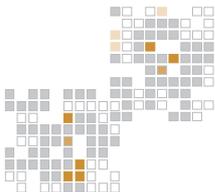


Fonte: Próprias autoras

Dos 19 que disseram se considerar fotojornalista, um não respondeu à solicitação da entrevista. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas entre os dias 16 de julho e 26 de outubro de 2021. A faixa etária dos

entrevistados ficou entre 21 e 63 anos, sendo 11 homens e sete mulheres. Dos participantes, 13 optaram por fazê-la presencialmente e cinco via *Google Meet*<sup>1</sup>. Nenhum entrevistado pediu sigilo na identificação.

<sup>1</sup> Todos os entrevistados autorizaram a divulgação de seus nomes e suas declarações durante as entrevistas, e essas autorizações foram registradas nas gravações correspondentes.



Quadro 1. Entrevistados da pesquisa

Entrevistado	Cidade	Trabalho no momento da entrevista
<b>Biaman Prado</b>	São Luís	Assessoria
<b>Douglas Cunha Jr.</b>	São Luís	Assessoria
<b>Eula Paula Belfort</b>	São Luís	Assessoria
<b>Francisco das Chagas</b>	São Luís	Redação
<b>Gaudêncio Carvalho</b>	São Luís	Assessoria
<b>Gilson Ferreira</b>	São Luís	Redação
<b>Joyce Layanne</b>	São Luís	Assessoria
<b>Julyane Karolynne</b>	São Luís	Autônoma
<b>Karlos Geromy</b>	São Luís	Assessoria
<b>Mary Aurea</b>	São Luís	Assessoria
<b>Mauricio Alexantre</b>	São Luís	Assessoria
<b>Paulo Soares</b>	São Luís	Autônomo
<b>Ramarys Correia</b>	São Luís	Autônomo
<b>Wanderson Silva</b>	São Luís	Autônomo
<b>Williana Lima</b>	Imperatriz	Autônoma
<b>Daniel Sena</b>	Imperatriz	Autônomo
<b>Patrícia Araujo</b>	Imperatriz	Assessoria
<b>Edmara Silva</b>	Imperatriz	Assessoria

Fonte: Próprias autoras

O recorte apresentado neste artigo diz respeito às perguntas referentes à atuação do fotojornalista e à visão do profissional sobre a ocupação e o mercado.

#### 4. Perfil do fotojornalista no Maranhão

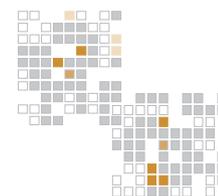
A partir das entrevistas, foi possível categorizar o perfil dos fotojornalistas em quatro grupos (Quadro 2). O primeiro grupo abrange cinco profissionais que têm em comum a idade superior a 45 anos e mais de 20 anos de experiência na profissão. Eles aprenderam a fotografar na redação

do jornal impresso, com outros fotojornalistas. O segundo grupo é composto por oito profissionais com menos de 45 anos, formados em Comunicação Social. Desse grupo, apenas um chegou a trabalhar com fotografia analógica. O terceiro grupo, que inclui três fotojornalistas, reúne profissionais com graduações em áreas afins, como Marketing e História. O último grupo, com dois integrantes, começou a fotografar na Era Digital e aperfeiçoou-se na área por meio de vídeos da Internet.

Quadro 2: Formação dos fotojornalistas reunidas por grupos

	Principal característica	Principal diferença
Grupo 1	São profissionais analógicos	Tiveram formação em redações
Grupo 2	Formados em Comunicação Social	Têm conhecimento técnico e acadêmico
Grupo 3	Formação em outras áreas	Visão da fotografia a partir de outras áreas
Grupo 4	Profissionais digitais	Formação autodidata por meio de vídeos da Internet

Fonte: Próprias autoras



Basicamente, esse recorte mostra que a prática do fotojornalismo no Maranhão é um espaço de diferentes experiências, o que pode gerar distintos pontos de vista sobre o campo. As diferentes formações já indicam a modificação da profissão ao longo dos anos. Para ser fotojornalista nos tempos áureos do jornalismo impresso era preciso fazer um estágio na redação, uma experiência diferente daquela vivenciada por formados em Jornalismo, que tiveram contato com esse saber na universidade. Já os que têm formação em outras áreas vivenciam uma experiência semelhante à dos profissionais digitais, aprendendo a fotografar com recursos disponíveis no computador ou no telefone.

#### 4.1 O fotojornalista não está mais na redação

De fato, como reflexo do fechamento dos jornais impressos e da migração desses veículos para a web, que não garantiu a contratação de profissionais exclusivos para a fotografia, a pesquisa mostra que o fotojornalista maranhense não está presente nas redações.

Coincidentemente, os profissionais que já trabalharam em jornais impressos são os que possuem mais idade, mais tempo de profissão e aprenderam a fotografar na redação. Apenas dois permanecem atuando em veículos. Os demais estão em assessorias ou atuam de forma autônoma. Nenhum deles migrou para sites e portais, mostrando que o fechamento dos jornais impressos não lhes garantiu emprego. Entre os integrantes dos outros grupos, nenhum está contratado para atuar como fotojornalista em veículos na web.

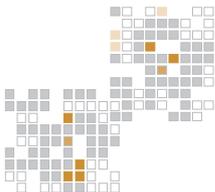
De fato, a mudança desses profissionais da redação para outros espaços não foi um desejo pessoal, mas uma exigência do mercado. O jornal “O Imparcial”, pioneiro na contratação do primeiro fotojornalista do Maranhão, hoje trabalha com fotografias enviadas pelas assessorias. Os sites trabalham com redações

enxutas e profissionais jornalistas que acumulam a função de escrever e fotografar. Assim, ao serem questionados sobre onde o fotojornalista está atuando no Maranhão, oito entrevistados disseram trabalhar nas assessorias. Mesmo entre aqueles que atuam em outras áreas, todos concordam que a assessoria é o espaço do fotojornalismo no Estado. “Os fotojornalistas estão todos como eu, nas redes oficiais, nas assessorias, porque ela está pagando ao menos” (Alexandre, 2021 [Informação verbal]).

A realidade não é exclusiva do Maranhão. Ao analisar o universo do fotojornalismo, Rodella (2011) cunhou o termo “fotoassessorismo”, um neologismo que descreve uma prática em que as fotografias feitas pelas assessorias de imprensa criam uma imagem positiva da organização. Segundo a autora, o fotoassessorismo se aproxima do fotojornalismo pela forma de registrar o acontecimento, mas se distancia ao intencional a imagem para favorecer o assessorado. Essa diferença não é apenas teórica, os próprios profissionais, embora entendam que o fotojornalista hoje atue fora da redação, vivenciam uma crise de identidade devido à diferente rotina e à lógica distinta da construção narrativa da imagem gerada. Talvez esse posicionamento ajude a entender porquê tantos fotógrafos que já atuaram em redação e foram indicados pelos colegas como fotojornalistas não quiseram participar desta pesquisa, por não se identificarem mais com o termo “fotojornalista”, ainda que continuem atuando como fotógrafos.

*“A fotografia na assessoria é diferente. Ela te limita. Então, na agência, eu não sei se é o melhor caminho para o fotojornalista mesmo, sabe?!”* (Carvalho, 2021 [Informação verbal]).

*“Sinto falta do dia a dia. Aqui eu fico preso dentro de uma caixa. Eu não posso expressar, eu não posso mostrar o que eu sei fazer. As*



*fotos são tudo parecidas, entendeu”* (Soares, 2021[Informação verbal]).

Esse saudosismo de fazer fotografias noticiosas é, para DuChemin (2017), uma necessidade de criar trabalhos mais autorais, que representem a voz do fotógrafo e, de certo modo, integrem a prática na rotina de uma redação.

Outra questão frequentemente mencionada pelos entrevistados diz respeito à necessidade de complementação de renda. Isso ocorre porque, embora a atuação na assessoria garanta a colocação, ela não oferece uma remuneração satisfatória. De modo geral, a faixa salarial fica entre dois e quatro salários-mínimos. Além disso, os trabalhos extas, que fazem parte da rotina, incluem casamentos, ensaios fotográficos, batizados, formaturas etc.

*“Geralmente eu trabalho com fotografia de produtos, catálogos, maquiagem, lojas de roupas”* (Edmara, 2021[Informação verbal]).

*“Vendo foto colocando nas redes sociais”* (Sena, 2021 [Informação verbal]).

*“Todos os meus amigos, inclusive os que são ‘baitas’ fotojornalistas, com premiações, precisam atuar em outros ramos”* (Patrícia, 2021 [Informação verbal]).

A situação remete às reflexões de Sandel (2023) sobre as problemáticas sociais. Afinal, nos casos descritos, a maior preocupação é com a quantidade de dinheiro adquirida. No entanto, segundo ele, isso impacta ainda mais profundamente a longo prazo, afetando o significado da pobreza, a posição social e a autoestima de cada profissional.

*[...] Se você estivesse na base de uma sociedade meritocrática, seria difícil resistir ao pensamento de que sua desvantagem era,*

*pelo menos em parte, resultado de suas ações, um reflexo do fato de você não conseguir demonstrar talento e ambição suficientes para estar à frente. Uma sociedade que permite às pessoas ascenderem, e que honra a ascensão, apresenta um veredicto duro sobre aquelas que não conseguem fazer isso* (Sandel, 2023, p.173).

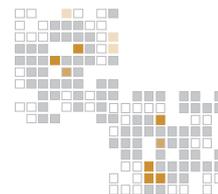
#### 4.2 Necessidade de ser visto

Na entrevista, quando questionados sobre a posse de perfis em redes sociais, 12 entrevistados disseram ter conta no *Instagram*, enquanto seis informaram que não utilizam redes sociais. Aqueles que mantêm suas redes ativas argumentam que elas podem servir como uma vitrine e uma ferramenta de negócios. Por outro lado, os que preferem estar fora das redes sociais temem que seu trabalho seja usado de forma descontrolada, sem crédito ou pagamento. A seguir, estão alguns exemplos desse posicionamento dos entrevistados.

*“Antes eu publicava muito, mas percebi que os blogueiros estavam pegando as minhas fotos todas. E aí ficava mandando mensagem para mim, olha eu peguei uma foto lá e coloquei o teu crédito. Eu tive que parar de fazer isso, pois eu percebi que o blogueiro estava vivendo às minhas custas”* (Chagas, 2021 [Informação verbal])

*“Não paga e nem fala assim: ‘Rapaz, eu vou te mandar aqui algum, para, pelo menos, tu tomares um suco, uma coisa’. E, por isso, eu larguei de fazer”* (Chagas, 2021 [Informação verbal]).

Por outro lado, alguns profissionais enxergam a rede como uma forma de se manter ativo no mercado, mesmo sem ter um emprego formal.



“*Eu publico para mostrar que ainda estou vivo, que eu estou presente*” (Alexandre, 2021 [Informação verbal]).

“*Se eu não posto nada na minha rede social, o pessoal pensa: ‘Wanderson está trabalhando?’ Entendeu? Então, eu posto para mostrar meu trabalho*” (Wanderson Silva, 2021 [Informação verbal]).

O cenário diversificado revelado pelos relatos foi confirmado pela pesquisa já mencionada do “Perfil do Jornalista no Nordeste” (Maia; Costa, 2023). Dedicando-se a observar indicadores de bem-estar e saúde, inclusive mental, dos profissionais do jornalismo no ambiente de trabalho, a pesquisa mostra que, quando perguntados se por acaso se sentem alegres no ambiente de trabalho, a média indica um panorama satisfatório. No entanto, não podemos ignorar que 40,9% dos profissionais atuam em redações no Nordeste e se sentem alegres menos da metade do tempo (58 respondentes - 19%), apenas algumas vezes (60 respondentes - 19,6%) ou nunca (sete respondentes - 2,3%).

Quando o critério é a sensação de calma e tranquilidade, o panorama se torna menos favorável, apresentando um equilíbrio entre os jornalistas entrevistados. Cabe mencionar que a frequência de profissionais que nunca se sentem calmos (17 jornalistas - 5,6%) é maior do que a daqueles que se sentem assim o tempo todo (12 respondentes - 3,9%). Esse equilíbrio entre os profissionais nordestinos que se sentem alegres, calmos e tranquilos no exercício profissional é, de certa forma, discrepante em relação ao cenário nacional da pesquisa, que revelou que, quando o assunto é carga horária de trabalho, 45,8% estão satisfeitos (37,3% satisfeitos e 8,5% muito satisfeitos) contra 29,9% insatisfeitos (22,9% insatisfeitos e 7,9% muito insatisfeitos). Ou seja, embora no Brasil a maioria dos jornalistas

aponte para uma maior satisfação, no contexto nordestino, a diferença entre os números de satisfeitos é menos expressiva, revelando uma tendência menos acentuada para a satisfação (Maia; Costa, 2023).

### 4.3 Cinegrafista e fotógrafo

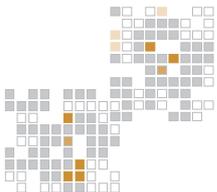
Uma mudança que incomoda bastante os profissionais é a exigência de monitorar *drones* e fazer imagens, assumindo muitas vezes o papel de cinegrafista. Segundo Silva Júnior (2014), para ser fotojornalista hoje, é exigido que o profissional tenha a capacidade de se adaptar ao universo do vídeo. Essa é uma discussão nova, que ainda não definiu claramente suas fronteiras. Busca-se “uma negociação entre limites (de linguagens), oscilando entre a posição conceitual da imagem estática do fotojornalismo e a formalidade plástica da imagem em movimento do cinema” (Souza; Silva, 2021, p. 172-173).

Embora isso já aconteça no mercado do Maranhão, ainda não é bem aceito entre os profissionais, sejam mais antigos ou novos, como se observa nos trechos a seguir:

“*Me pediram e me recusei. Primeiro em questão da qualidade mesmo. Segundo, eu não tinha um preparo técnico para fazer, então eu ficaria chateado se mostrasse um trabalho meu com uma baixa qualidade*”. (Cunha Júnior, 2021 [Informação verbal]).

“*Eu não faço, sou fotojornalista, trabalho com imagem estática, parada, paralisada*” (Aurea, 2021, [Informação verbal]).

“*Não gosto, mas faço. Sempre deixo bem claro que não vai ser uma coisa muito boa, mas faço. Até porque no meu trabalho é para fazer tudo, então eu filmo, tiro foto, escrevo, publico, faço redes sociais, eu faço tudo em relação à comunicação*” (Belfort, 2021 [Informação verbal]).



A principal resistência dos fotojornalistas em filmar decorre do fato de que o vídeo exige uma forma específica de realização. No entanto, enquanto alguns fotojornalistas veem isso como uma função distinta, outros enxergam o vídeo como um novo caminho a seguir

*“Estou vendo que o momento é vídeo. As pessoas estão mais interessadas em ver a imagem em movimento do que a estática. Vídeo que é o negócio. Eu estou migrando. Já estou começando a fazer curso de edição”* (Prado, 2021 [Informação verbal]).

*“Eu comecei a ver que empresas como a Canon colocaram vídeo na câmera. Então, eu comecei a fazer vídeos, pequenos vídeos, de takes, cenas que eu precisava e depois eu juntava ali para fazer um vídeo legal, fazendo um fusion de foto e vídeo* (Soares, 2021 [Informação verbal]).

A união entre fotografia e vídeo é chamada por Barbalho (2016, p. 10) de “fotojornalismo expandido”. Para ele, a fotografia se expandiu devido à crise das mídias impressas: “É uma razão pragmática, uma questão de sobrevivência, mas que envolve também aspectos estéticos e um novo jeito de o fotógrafo pensar e relacionar-se com a realidade” (Barbalho, 2016, p. 2). Embora o autor reconheça que fotografia e vídeo são linguagens diferentes, ele afirma que não é mais possível ignorar os aparelhos híbridos e a internet.

Um questionamento levantado por Silva Júnior (2014, p. 62) é: “Em um mundo multiplataforma e multimídia, o que justificaria o profissional não ser multitarefa?”. No entanto, o autor se preocupa com as mudanças nas demandas para o fotojornalista, especialmente no que diz respeito às condições de trabalho e remuneração. De fato, a pesquisa do “Perfil do Jornalista no Nordeste” (Maia; Costa, 2023) já aponta indícios

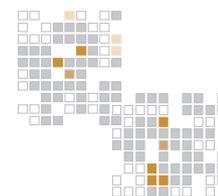
preocupantes nesse sentido, mostrando que grande parte dos profissionais envolvidos com o jornalismo não se sente mais interessada e/ou satisfeita com suas rotinas laborais.

#### 4.4 Fotojornalismo no MA

Diante desse cenário, foi perguntado aos entrevistados o que, na atualidade, significa ser fotojornalista no Maranhão. As palavras que surgiram remetem a um campo multifacetado e cheio de desafios: é solitário (Sena, 2021); é desgastante (Cunha Júnior, 2021); é cansativo (Edmara Silva, 2021); é difícil (Belfort, 2021); é desvalorizado (Layanne, 2021); é muito *trash!* (Karolynne, 2021); é ir para guerra (Correia, 2021); é desafiador (Chagas, 2021); é ser ágil (Wnaderson Silva, 2021); é se reinventar (Soares, 2021).

As falas expressam dois sentimentos mais fortemente: o primeiro é o descontentamento com a profissão; o segundo é o de adaptação da profissão. E especialmente nesse aspecto podemos afirmar, com praticamente certeza, que o cenário maranhense não se distancia tanto do nacional. A pesquisa coordenada na região Nordeste, por Maia e Costa (2023), revelou muito nitidamente o adoecimento gradual dos profissionais envolvidos no jornalismo, de uma maneira generalizada. Com relação às dores apresentadas pelos profissionais, foram duas as perguntas mais específicas no questionário: a primeira sobre dores no corpo (como braços, pernas, costas, mãos e pés) e a segunda sobre dor de cabeça. Nesse sentido, pontuamos que o cenário é alarmante.

No relatório nacional, as alegações de cansaço foram menos expressivas, inclusive com os relatores indicando uma possível normalização dos jornalistas quanto à intensidade de sua rotina de trabalho e pontuando que deveria ser uma questão mais bem observada pela pesquisa. No caso do Nordeste especificamente, fica muito evidente que a situação não parece tão



equilibrada e que o cansaço é extremo na grande maioria dos casos. Ou seja, pode ser que em outras regiões do país o ritmo de trabalho seja considerado aceitável pelos jornalistas. Mas essa não é a realidade nordestina (Maia; Costa, 2023).

O estresse, porém, aparenta ser a maior das problemáticas enfrentadas pelos jornalistas nordestinos no sentido que aqui estamos abordando. No que se refere ao estresse, o Nordeste reflete o cenário nacional, revelando que é, talvez, um dos maiores problemas da rotina de trabalho jornalística. É difícil apontar motivos para esse cenário, mas alguns foram indicados pela pesquisa nacional e podem auxiliar a compreender também a realidade nordestina: a maioria dos profissionais (55,8%) acredita que seus esforços não são reconhecidos no trabalho. Além disso, sete em cada 10 jornalistas (71,5%) afirmam ser comum trabalhar mais que o período contratado, por meio de horas extras.

## 5.0 Considerações finais

Este estudo traça um panorama do que é ser fotojornalista no Maranhão tendo como olhar a

perspectiva dos próprios profissionais. O estudo, de caráter exploratório, ajuda a entender um pouco melhor a realidade de atuação dessa especialidade do jornalismo, bastante negligenciada nos estudos sobre o mercado no Estado.

Acreditamos que os resultados obtidos por meio da pesquisa, que ouviu fotojornalistas no Maranhão, não apenas proporcionam uma visão aprofundada sobre a prática e a percepção desses profissionais em um contexto específico, mas também oferecem contribuições para estudos de âmbito nacional e regional. Ao examinar as experiências e desafios enfrentados por fotojornalistas nesta região, podemos promover uma reflexão sobre a crise e as estratégias de ações de profissionais que transcendem fronteiras geográficas.

Essa abordagem contextualizada enriquece não apenas o entendimento geral da profissão, mas também fornece nuances importantes que podem influenciar e incentivar novos estudos sobre práticas em um cenário mais amplo.

232

## Referências

ALMEIDA, Gabriela Silva. *O cenário midiático maranhense nas mídias sociais: as características da cobertura informativa em perfis noticiosos no Instagram no Maranhão*. 2022. 226 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação/ccim, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022.

AZUBEL, Diogo. *Fotografia no Maranhão: perspectiva histórica e percurso de Dreyfus Nabor Azubel*. *Cambiassu*. São Luís - MA, v. 3, n.3, p. 51-74, jan-dez, 2008.

BARBALHO, Marcelo Leite. *Som e movimento na expansão do fotojornalismo*. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – COMPÓS, 25º, 2016. *Anais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. Goiânia: Compós, 2016. p.1-21.

CANELLA, Vlademir. *Atualizações audiovisuais do fotojornalismo na web*. 2016. 125 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

CARRARO, Renata. *A crise do Jornalismo e o discurso sobre a crise: múltiplos ângulos possíveis de abordagem para uma compreensão ampla das mudanças em curso*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 39, 2016. *Anais do Intercom*. São Paulo: Intercom, 2016. P. 1-15.

CASTILHO, Carlos. *Jornais demitem fotógrafos e leitores não notam*. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/codigo-aberto/jornais-demitem-fotografos-e-leitores-nao-acusam-queda-de-qualidade/> Acesso em 05 set. 2023.

CASTRO, Silvio Rogério de; FAGUNDES, Esnel José. *Fotografia e Imprensa no Maranhão: o início*. *Cambiassu*, São Luís - MA, v. 6, n.7, p.142-152, Jan-Jun, 2011. Disponível em: <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/18579>. Acesso em 02 mar. 2024.

DUARTE, Jorge. *Entrevista em Profundidade*. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.) *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.p.62-83.

- DUCHEMIN, David. *A alma da fotografia: o fotógrafo como artista criador*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.
- FIGARO, Roseli; SILVA, Aná Flávia Marques da. A comunicação como trabalho no capitalismo de plataforma: o caso das mudanças no jornalismo. *Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 1, p. 101-115, abr./jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38566>. Acesso em 29 ago. 2023.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Índice de Desenvolvimento Humano. Maranhão: IBGE, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/pesquisa/37/30255?tipo=ranking&ano=2021>. Acesso em: 22 fev. 2024.
- MAIA, Geimison; COSTA, Rafael (Coord. Regional); LUNA, Diógenes de Luna [et al]. *Perfil do jornalista do Nordeste 2023* [recurso eletrônico]: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. – 1. ed. – Florianópolis: Quorum Comunicação, 2023.
- MCNAIR, B. Journalism in the 21st century – evolution, to extinction. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884909104756>. Acesso em 2 mar. 2024.
- MESQUITA, Giovana Borges. *Intervenho, logo existo: a audiência potente e as novas relações no jornalismo*. 2014. 198 p. Tese (Doutorado em comunicação). – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.
- PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O Jornalismo em tempo de mudanças estruturais. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 38-57, janeiro/junho 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/19208>. Acesso em 29 ago. 2021.
- PROJOR. Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo. *Atlas da Notícia*. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/desertos-de-noticia/>. Acesso em 22 fev. 2024.
- QUESADA, Camila Tavares. *A crise do modelo tradicional de jornalismo: reconfiguração da prática profissional na redação da Gazeta do Povo*. 2018. 213 p. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social, 2018.
- REIS, Thays Assunção. *História da Imprensa em Imperatriz-MA: 1930-2010*. São Luís: EDUFMA, 2018.
- RODELLA, Cibele Abdo. Fotoassessorismo: a imagem fotográfica na assessoria de imprensa da Prefeitura Municipal de Maringá. *Discursos Fotográficos*, Londrina, PR, v.7, n.10, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/9260>. Acesso em 22 fev. 2024.
- SANDEL, Michael. *A Tirania do Mérito: o que aconteceu com o bem comum?* 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.
- SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- SILVA JÚNIOR, José Afonso. Da foto à fotografia: os jornais precisam de fotógrafos? In: *Contemporânea: Comunicação e cultura*, Paraíba, v.12, n.01, p.55-72, jan-abr, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/9795>. Acesso em 22 nov. 2023.
- SOUZA e SILVA, Wagner. Imagens que respiram: o fotojornalismo multimidiático na série um mundo de muros. In: *Alceu*, Rio de Janeiro. v.21, n. 43, p. 161-176, jan/abril. 2021.
- SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. O trabalho do jornalista e suas contradições: uma ontologia da crise. In: *Matrizes*, São Paulo, v.11, n.3, p.129-149, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143054926008>. Acesso em 27 ago. 2023.
- VIEIRA, Thais de Moraes. *O impacto do Instagram no fotojornalismo atual*. Monografia (Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.
- TEIXEIRA, Juliana Fernandes. *Jornalismo audiovisual para dispositivos móveis: um estudo das formas de inserção de conteúdos audiovisuais em produtos exclusivos para tablets*. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. In: *Temáticas*, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em 30 ago. 2023.

Artigo recebido em 04/03/2024 e aceito em 29/08/2024.

## ENTREVISTADOS

- ALEXANDRE, Mauricio. São Luís, 2021. 2 arquivo.mp3 (174 min.)
- ARAÚJO, Patrícia. Imperatriz, 2021. Arquivo.mp3. (29 min.)
- AUREA, Mary. São Luís, 2021. Arquivo.mp3. (110 min.)
- BELFORT, Eula Paula. São Luís, 2021. Arquivo.mp3. (31 min.)
- CARVALHO, Gaudêncio. São Luís, 2021. Arquivo.mp3. (64 min.)
- CHAGAS, Francisco das. São Luís, 2021. Arquivo.mp3. (39 min.)
- CORREIA, Ramarys. São Luís, 2021. Arquivo.mp3. (105 min.)
- JUNIOR, Douglas. São Luís, 2021. Arquivo.mp3. (31 min.)
- KAROLYNNE, Julyane. São Luís, 2021. Arquivo.mp3. (58 min.)
- LAYANNE, Joyce.. São Luís, 2021. Arquivo.mp3. (31 min.)
- PRADO, Biaman. São Luís, 2021. Arquivo.mp3. (46 min.)
- SENA, Daniel. Imperatriz, 2021 (1 arquivo.mp3, 38 min.)
- SILVA, Edmara. Imperatriz, 2021. Arquivo.mp3. (25 min.)
- SILVA, Wanderson. São José do Ribamar, 2021. Arquivo.mp3. (57 min.)
- SOARES, Paulo. São Luís, 2021. Arquivo.mp3. (29 min.)

